

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 10 – O terceiro e o quarto comandos

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



Falando sobre o Eterno

Após tirar seu povo do Egito, o Eterno declarou-lhes no Sinai: “Eu sou o Eterno, o Deus de vocês, que os tirou da terra do Egito, da vida de escravidão” (Êx 20.1-2 – *A Mensagem*). Esta declaração de senhorio, poder, revelação, autoridade e liberdade é a moldura dos comandos do Eterno ao seu povo, sendo ainda mais verdadeira para nós uma vez que fomos alvos do maior ato redentor do Eterno na história da humanidade: o envio de Jesus Cristo para nos libertar definitivamente do cativeiro do pecado, da morte e do Acusador.

Os dois primeiros comandos podem ser compreendidos em conjunto, expressando o comando do Eterno de que não haja no coração do discípulo de Jesus nenhum amor maior que o próprio Criador. O terceiro comando ainda é vertical, ou seja, diz respeito a relação entre o discípulo e seu Senhor, mas agora com outra nuance: “Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão” (Êx 20.7).

Embora o texto deste comando seja também claro, seu sentido é controverso e bastante debatido. Contudo, podemos partir do pressuposto de que existem diferentes níveis de abordagem, indo do mais superficial e imediato para um sentido mais profundo. Cole destaca que “no judaísmo mais recente, esta proibição envolvia qualquer uso impensado e irreverente do nome YHWH. Este só era pronunciado uma vez por ano, pelo sumo-sacerdote, ao abençoar o povo no grande Dia da Expição (Lv 23:27)”.¹ Nessa abordagem, podemos concluir que uma forma de interpretar o comando passa pelo “uso profano do nome de Deus ocorre no perjúrio, na prática da magia e na invocação dos mortos. A proibição é contra o falso juramento e também inclui juramentos levianos e a blasfêmia tão comum em nossos dias”.² Logo, o terceiro comando deve nos lembrar de que devemos falar sobre o Eterno em um contexto de adoração, temor, louvor e gratidão, tomando o cuidado para não banalizar nossa profissão de fé, que deve ser em adoração verdadeira ao Eterno.³

Esta questão parece ser de menos importância, mas de fato não é. Na vida do discípulo de Cristo duas maneiras de utilizarmos a linguagem em referência ao Criador são importantes: quando falamos com Ele por meio da oração e quando falamos sobre Ele para as outras pessoas. Se os dois primeiros comandos nos colocam diante do Eterno pois apenas Ele é digno de nossa oração, de nossa adoração, o terceiro comando pode ter um impacto considerável na maneira como falamos sobre Ele diante das outras pessoas: como falar do Eterno sem tratá-lo como uma coisa? Como falar sobre Ele de maneira a mostrar reverência? Como falar sobre Ele de tal maneira a não banalizar sua pessoa, seu amor, seu poder e majestade?

Em um sentido mais profundo, podemos ter um olhar mais abrangente para o comando: “seu objetivo é evitar que o nome de Yahweh seja utilizado para fins de magia ou encantamentos. Esse mandamento dá continuidade à preocupação presente no segundo mandamento, em relação à crença de que o nome de alguém estava intimamente ligado à essência da pessoa. Revelar o nome era uma demonstração de graça e confiança e, em termos humanos, também de vulnerabilidade. Israel não devia fazer uso do nome de Yahweh num sentido mágico, na tentativa de manipulá-lo”.⁴ O terceiro comando seria uma expressa proibição dos israelitas lidarem com o Eterno da mesma maneira que os povos em redor lidavam com suas divindades: fazendo invocações utilizando palavras secretas e nomes mágicos para manipular as divindades e colocá-las a seu serviço. A feitiçaria como fenômeno religioso universal consiste no fato de que o feiticeiro, empunhando determinados conhecimentos de palavras e ritos especiais, consegue colocar a divindade para trabalhar a partir de seus interesses.

Eugene Peterson afirma que muitos cristãos imaginam que Deus esteja ao serviço de seus próprios desejos e querem um sacerdote (leia-se pastor) para mediar essa relação⁵ e afirma: “Não controlo a ação [de Deus]; esse é um conceito pagão da oração, colocando os deuses para trabalhar com meus encantamentos ou rituais”.⁶ Thomas Merton afirma com um tom ácido e contundente: “A forma mais baixa de adoração, por sua vez, encontra sua realização em um misterioso e mágico sentido de poder, ‘produzido’ por ritos que dão ao adorador a chance momentânea de roubar uns poderes mágicos da divindade aplacada”.⁷ Servir o Eterno é compreender que nesta relação de amor e graça, estamos a seu serviço e vivemos para a sua glória e não o contrário. Colocar o Eterno a nosso serviço e trabalhando para a nossa glória é uma inversão insana do Evangelho com resultados tanto patéticos quanto nocivos.

¹ COLE, R. A. *Êxodo: Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p.151

² LIVINGSTON, G. H.; COX, L. G.; KINLAW, D. F.; BOIS, L. J. D.; FORD, J. DEASLEY, A. R. G. *Comentário Bíblico Beacon – Gênesis a Deuteronômio*. SP: CPAD, 2005, p.190

³ KAISER, WALTER C., JR.: *Exodus*. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing, 1990, p. 423

⁴ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALLAS, Mark W. *Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento* - Belo Horizonte: Editora Atos, 2003, p.95

⁵ PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo: Voltando a arte do aconselhamento espiritual*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.38

⁶ PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo: Voltando a arte do aconselhamento espiritual*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.121

⁷ MERTON, Thomas. *A experiência interior*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.38

O dia do Eterno

A construção gramatical dos comandos em hebraico deixa claro que no trecho dos versos 2 a 17 existem apenas três momentos em que a construção é positiva e não negativa, todos com verbos finitos: “Eu sou o Senhor, teu Deus...” (v.2); “Lembra-te do dia de sábado...” (v.8) e “Honra teu pai e tua mãe...” (v.12).⁸ Intérpretes veem nestes sinais literários indícios de que estes versículos contêm elementos chave para o todo dos comandos. Por exemplo: para cumprir os comandos do sexto ao décimo, o essencial e crucial seria honrar os pais. Da mesma forma, o quarto comando seria um elemento chave para cumprir os mandamentos referentes a nossa relação com o Eterno.

Além disso, é fácil perceber a importância do quarto comando se olharmos para os detalhes envolvendo o comando e a proporção de sua presença literária comparado aos outros comandos. Nesta proposta, podemos perceber como o quarto comando é importante, embora tenha sido colocado em um lugar secundário na história recente da igreja. O termo “sábado” é derivado do termo hebraico “shabbat” que por sua vez seria originário de uma raiz que significa “repousar, descansar, deixar de trabalhar”.⁹ O sentido do sábado vem na narrativa da criação relatada no início de Gênesis 2, pois ali o narrador encerra os dias de criação e o faz com uma declaração inusitada: no sétimo dia o Eterno não trabalhou, mas em estado de alegria e contentamento apenas olhou a criação e viu que era muito muito boa (Gn 1.31). O narrador enfatiza o descanso de Deus ao repetir três vezes a afirmação de que o Eterno não trabalhou no sétimo dia (Gn 2.1-3).¹⁰ Sabemos que o descanso do Eterno em Gênesis não é como sendo oposto ao cansaço, mas como um estado de graça, plenitude e alegria. Então o Senhor santificou o sábado (Gn 2.3) no sentido de separar este tempo do seu uso comum para o trabalho e a produção para ser um tempo especial, dia santificado ao Senhor.

Contudo, podemos perguntar: qual a relevância desse comando para nós hoje? Qual o seu sentido e como podemos abraçá-lo? Retornando a distinção entre a lei moral e a lei cerimonial, o sábado teria um aspecto duplo: “o sábado é moral enquanto requer da pessoa uma determinada porção de tempo dedicado a adoração e serviço de Deus, mas é cerimonial no sentido de que prescreve que esta porção de tempo seja o sétimo dia”.¹¹ Neste sentido, nós reformados temos interpretado o quarto comando a partir de sua perspectiva moral e não cerimonial. Antes de prosseguir, é importante notar que a ressurreição do Senhor Jesus ocorreu no primeiro dia da semana e isto é relatado por todos os evangelistas (Mt 28.1; Mc 16.2; Lc 24.1; Jo 20.1). Este fato levou a Igreja Primitiva a abraçar o costume de reunir-se para adorar no primeiro dia da semana (At 20.7; 1Co 16.2). A abordagem reformada enfatiza o aspecto do coração dedicado e do tempo separado para o Eterno e para a comunidade cristã como demonstra a Pergunta 103 do Catecismo de Heidelberg: “O que Deus ordena no quarto mandamento? Primeiro: o ministério do Evangelho e as escolas cristãs devem ser mantidos, e eu devo reunir-me fielmente com o povo de Deus, especialmente no dia de descanso, para conhecer a palavra de Deus, para participar dos sacramentos, para invocar publicamente ao Senhor Deus e para praticar a caridade cristã para com os necessitados. Segundo: eu devo, todos os dias da minha vida, desistir das más obras, deixando o Senhor operar em mim, por seu Espírito. Assim comece nesta vida o descanso eterno”.

Em um sentido o quarto comando tem sua atuação em sua tensão com o trabalho: “parando para usufruir os frutos do nosso trabalho com outros seres humanos, nossos semelhantes, e para dar graças a Deus pela dádiva da vida – é isso que restaura a verdadeira perspectiva do trabalho [...] Essa foi a base, antigamente, para a lei do sábado em Israel. Sua primeira intenção era a de colocar o trabalho humano dentro da única perspectiva que lhe dá sentido: a saber, o culto a Deus. É ainda um conceito revolucionário a ser mantido numa era devotada a frenética e devastadora idolatria do trabalho”.¹² Tim Keller nota que “existe um relacionamento simbiótico entre trabalho e descanso [...] Geralmente não enxergamos o trabalho de maneira adequada até nos afastarmos dele e imergirmos em outras atividades. Vemos então que a vida não é feita apenas de trabalho. Com essa perspectiva e corpo e mente descansados, trabalharemos mais e melhor”.¹³ Além disso, o sábado aponta para um descanso em Deus, um descanso interior no trabalho de Cristo realizado por nós na cruz do calvário de tal maneira que eu saiba que sou aceito, sou amado pelo Pai em Cristo de maneira que meu senso de valor não vem de minha performance profissional. Afinal, “a definição real de cristão é alguém que não apenas admira Jesus, imita Jesus e obedece a Jesus, mas que ‘descansa na obra consumada de Cristo’”.¹⁴

E afinal, por que o comando do sábado é tão importante? Por que se os dois primeiros comandos falam sobre amar ao Eterno sobre todas as coisas e o terceiro comando nos ensina a professar a fé no Eterno para as pessoas, a falar d’Ele com amor e servi-lo, o quarto comando me lembra de separar tempo intencionalmente para estar com o Eterno e o tempo é uma questão chave para que uma relação de amor possa florescer. O quarto comando é que cria o ambiente necessário para o cumprimento dos anteriores, daí seu destaque no Decálogo. Neste sentido, o quarto comando me leva a separar um bloco de tempo em minha semana, um dia, para entregá-lo ao Senhor em relacionamento, mas me lembra que todos os dias são do Senhor e portanto devo cultivar essa relação diariamente. Descansar no Eterno, com o Eterno e para o Eterno.

⁸ KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 421

⁹ KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 423

¹⁰ SAILHAMER, JOHN H.: Genesis. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing , 1990, p. 39

¹¹ KAISER, WALTER C., JR.: Exodus. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Genesis, Exodus, Leviticus, Numbers*. vol. 2. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1990, p. 424

¹² RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.97

¹³ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.219

¹⁴ KELLER, Timothy. *Como integrar fé e trabalho*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.222-223